Anno de 1846. Sabbado 18 de Abril. Anno XXII N. 86.

*O DIARIO* publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE ABRIL.

Crescente a 3 as 2 hor. e 51 min. da tard.
Lua cheia a 11 as 3 hor. e 35 min. da tard.
Mingoante a 18 as 6 h. e 4 min. da tard.
Lua nova a 25 as 2 hor. e 28 min. da tard.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Goianna, e Parahyba, Segd.as e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, e Maceyó, no 1.º, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 10 h. e 54 minutos da manhãa.
Segunda as 11 h. e 18 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

13 Segunda ✠✠ 1.ª Oitava. Ss. Hermenegildo, Agathonica e Quintilliano, mm.
14 Terça ✠ 2.ª Oitava. Ss. Tiburcio e Valeriano, mm.
15 Quarta S. Bazilea, aud. do J. do civ da 2.ª v., e do J. de paz do 2.º dist. de t.
16 Quinta S. Durão, aud. do J. dos orph. e do J. M. da 1 v.
17 Sexta S. Elias, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
18 Sabbado S. Galdino, aud. do J. do civ. da 1 v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
19 Domingo da Paschoella, S. Socrates

CAMBIOS NO DIA 17 DE ABRIL.

Camb. sobre Londres 26 1/4 d. p. 1$ a 60 d.
» » Paris 350 réis por franco.
» » Lisboa 105 p. c. pr. por mez.
Desc. de let. de boas firmas 1 1/2 p. % mez.
Ouro=Onças hespanholas 31$000 a 31$500
» Moeda de 6$400 vel. 16$900 a 17$000
» » de 6$400 nov. 16$000 a 16 500
» » de 4$000 . . 8$800 a 9$000
Prata=Patacões . . . . 1$950 a 1$970
» Pesos Columnares 1$970 a 2$000
» Ditos Mexicanos . 1$920 a 1$940
» Prata Miuda . . . 1$680 a 1$740
Acções da C.ª do Beberibe de 50$000 ao par.

# DIARIO DE PERNAMBUCO.

## PARTE OFFICIAL.

### Governo da provincia.

EXPEDIENTE DO DIA 8 DO CORRENTE.

(*Conclusão*)

Portaria—Demittindo, sob proposta do chefe de policia, o subdelegado da fracção de Ipojuca, Joaquim Affonso Ferreira, e os respectivos supplentes, Miguel Affonso Ferreira, e Thomaz de Aquino Pinto Bandeira.

IDEM DO DIA 11.

Officio—Ao commandante das armas, declarando ter concedido ao voluntario do 1.º batalhão de caçadores, Benjamim Peres de Albuquerque Maranhão, a licença, que, para estudar, pedio em o requerimento, por S. Ex. favoravelmente informado a 9 d'este mez.

Dito—Ao mesmo, determinando, mande aquartelar as 229 praças do 1.º batalhão de caçadores, que das Alagôas vierão para esta provincia, e dar destino, depois de fazer desembarcar, á onze caixões, ao mesmo batalhão pertencentes, que á seu bordo trouxe o transporte *Oriente*.

Dito—Ao commissario-pagador, significando, que ao procurador do capitão do 7.º batalhão de caçadores, em serviço no Rio-Grande-do-Sul, Antonio Eduardo da Costa, se não deve abonar mais do que 33$333, que são os dous terços do respectivo soldo. — Participou-se ao Exm. presidente do Rio-Grande-do-Sul.

Dito—Ao commandante da ilha de Fernando, ordenando, faça dispensar dos trabalhos, á que estão condemnados, os sentenciados Thomaz Ferreira, Manoel José Ferreira Coêlho, Antonio Martins Pereira, e Antonio Pinto Lisbôa, que, segundo informa seu antecessor, não podem nelles continuar, sem perigo de vida.

Dito—Ao doutor Philippe Nery Rodrigo de Carvalho, declarando, que, visto não poder o doutor Joaquim de Aquino Fonseca continuar a substitui-lo no grande hospital de caridade, póde aceitar o offerecimento, que lhe fez o doutor José Joaquim de Souza, de ir gratuitamente supprir a sua falta.

## EXTERIOR.

PARIS, 29 *de dezembro de* 1845.

Recebemos, pelos jornaes do Rio-de-Janeiro do 1.º de novembro, o *protesto* dirigido pelo ministro dos negocios estrangeiros do Brasil ao enviado extraordinario de S. M. B contra o acto do parlamento, sanccionado a 8 de agosto do corrente anno, que declara subjeitos á jurisdicção dos tribunaes do almirantado, nos dominios da Inglaterra, os navios brasileiros suspeitos de se empregarem no trafico. Aquelle documento, datado a 22 de outubro de 1845, confirma, ponto por ponto, em quanto aos factos, todos os pormenores, que publicámos sobre este negocio, segundo os tratados e peças diplomaticas conhecidas, no nosso numero de 21 de setembro passado. Podemos, pois, dispensarmo-nos de reproduzi-los; e apenas no momento, em que o negocio chega a uma conclusão, julgamos dever referir aos nossos leitores os termos delle.

Contámos precisamente, com as mesmas particularidades do despacho do ministro brasileiro, a origem e a marcha deste negocio. Hão de recordar-se de que o Brasil, já ligado pelos antigos tratados concluidos entre a Inglaterra e Portugal a respeito da repressão do trafico dos negros, tinha appropriado a si, pela convenção de 28 de novembro de 1826, todas as disposições desses actos, em cujos termos se achava subjeito ao direito de visita da Inglaterra e á jurisdicção dos tribunaes mixtos, estabelecidos conforme as estipulações desses tratados; mas que, por uma clausula do acto separado de 11 de setembro de 1817, devia a execução delles cessar no termo de 15 annos a datar do dia, em que a abolição geral do commercio dos escravos houvesse sido promulgada pelo governo portuguez. Hão de recordar-se tambem, que o artigo 1.º da dita convenção de 1826 tinha equiparado o trafico á pirataria.

Passárão-se os factos taes quaes os tratados. O trafico foi abolido em todos os dominios do imperio do Brasil pelo artigo 1.º da convenção de 1826, da data da sua ratificação a 3 annos. O prazo de 15 annos expirava, pois, no decurso de março deste anno, e o Brasil não deixou de aproveitar-se da clausula de 1817.

Renunciou os tratados. A Inglaterra não póde contestar-lhe esse direito; mas pretendeu, que o artigo 1.º da convenção de 1826, que equiparava o trafico á pirataria, não podia ser comprehendido no numero das disposições extinctas pela expiração do prazo; e conseguintemente fez passar uma lei, que autorisa os tribunaes do almirantado a julgarem e condemnarem os navios brasileiros, que fôrem levados perante elles pelos cruzeiros britannicos, como suspeitos de se empregarem no trafico. He contra este acto, que se ergue o protesto, que tinhamos previsto, e que nos chegou hoje.

Os argumentos, em que se apoia o ministro dos negocios estrangeiros do Brasil, são em grande parte aquelles, que expuzemos no nosso numero de 21 de setembro. Além disto, o ministro mostra de facto, que não foi por culpa do governo brasileiro, que não se concluio, em 1840 e 1842, entre o Brasil e a Inglaterra, uma nova convenção destinada a substituir os antigos tratados. Elle analysa as propostas feitas pela Inglaterra; propostas, que não forão outras, ao que parece, senão as do famoso tratado de 20 de dezembro; e declara, que o Brasil vê-se obrigado a rejeita-las « sob pena de subscrever á completa ruina do commercio licito dos seus subditos. » Emquanto ao direito, mostra, que a Inglaterra não póde, sem violar o direito das gentes universal, e ato o texto do mesmo tratado de 1826, arrogar a si uma jurisdicção qualquer sobre os navios brasileiros; que nenhuma delegação a tal respeito póde deduzir-se da clausula do tratado de 1826, que equipara o trafico á pirataria; que esta equiparação he puramente convencional; o que finalmente a prova de que o tratado de 1826 não dava á Inglaterra sobre os navios brasileiros, que exercem o trafico, os direitos, que pertencem a todas as nações sobre os piratas, he que a Inglaterra estipulava naquella convenção um direito de visita e a jurisdicção de commissões mixtas, estipulação completamente inutil, se a Inglaterra tivesse o direito muito mais amplo, resultante do sentido, que ella quer dar ao artigo 1.º do tratado. Por ultimo estabelece o ministro brasileiro, que, se a Inglaterra não tem o direito de tratar como piratas os navios brasileiros, que lhe parecerem suspeitos de se darem ao trafico, ella não terá tão pouco o direito de visita-los, emquanto um novo tratado não lh'o tiver dado; e conclue protestando com energia contra o acto do parlamento britannico, como attentatorio dos direitos de independencia da nação brasileira, e não reconhecendo, aliás, nenhuma das suas consequencias senão como actos de força e de violencia, de que pedira satisfação.

A questão está, como se vê, tão claramente assentada, quanto o tinhamos predito no nosso artigo de 21 de setembro.

O governo inglez está armado de um *bill* de parlamento, que o autorisa, em virtude do tratado de 1826, a submetter os navios brasileiros aos tribunaes do almirantado para serem julgados como piratas, sob pretexto de trafico. O governo do Brasil protesta contra este ataque audaz, feito á sua soberania, e aos principios mais universalmente reconhecidos por todas as nações, e declara, que toda a importancia dada em seu projecto ao acto do parlamento será por elle considerada como um acto de violencia, de que pedirá contas.

O que fará a Inglaterra? Diziamos no mez de setembro, que, se o Brasil protestasse com energia, a Inglaterra provavelmente não ousaria levar ao cabo uma medida, que compromette a segurança de todas as nações. Hoje chegou esse protesto; e por outra parte expirou o prazo, além do qual deverá ser exequivel o acto do parparlamento. O que fará, pois, a Inglaterra? Acaba de reproduzir-se no seu seio uma circumstancia toda especial, que lhe fornece um pretexto honesto para retroceder, e esperamos, que se aproveitará delle. Eis-aqui do que se trata:

Convém lembrar, que, ha alguns mezes, tinha um cruzeiro inglez tomado, na costa d'Africa, um navio brasileiro apparelhado, no seu entender, para o commercio dos escravos. Tendo sido mettida a bordo deste navio tripolação ingleza, e havendo-se o cruzeiro affastado, revoltárão-se os marujos brasileiros, e assassinárão a equipagem ingleza. Logo depois, foi o navio brasileiro retomado por uma embarcação ingleza, e os prisioneiros forão conduzidos á Inglaterra e levados perante os tribunaes. Lá se defendêrão allegando, que tinhão sido capturados indevidamente, e em contravenção dos tratados feitos entre o Brasil e a Inglaterra; que foi por um acto de violencia, que o seu navio tinha sido invadido por um official e tripolação ingleza; que por consequencia, tinhão-se achado no caso de legitima defeza; e que não havião podido livrar-se, senão pela morte do injusto aggressor, de uma detenção contraria ao direito das gentes.

Este systema não foi adoptado pelos primeiros juizes, e os brasileiros forão condemnados á morte como piratas; mas, por appellação, que foi interposta para os 15 grandes juizes d'Inglaterra, forão declarados innocentes e postos em liberdade por esta dupla consideração de que o navio brasileiro tinha sido tomado illegalmente, não tendo escravos a bordo, e que a lei municipal do Brasil não considerava o trafico como acto de pirataria.

Esta decisão dos grandes juizes he um facto consideravel, que dá o mais completo desmentido a doutrina, em que se funda o acto do parlamento, sanccionado a 8 de agosto passado. Com effeito, convêm lembrar, que esse *bill* foi approvado sob o fundamento de que a Inglaterra estava autorisada pelo artigo 1.º do tratado de 23 de novembro de 1826 a considerar como piratas os navios brasileiros suspeitos de se empregarem no trafico dos escravos, e referimo-nos as palavras dos ministros inglezes, que inculcavão, que esta interpretação do tratado era a dos jurisconsultos mais eminentes da Inglaterra. Esta interpretação era contraria ao bom senso, como então o mostrámos, e ás mais simples noções do direito das gentes; mas a politica encobre tudo entre os nossos vizinhos, ella prevaleceo nesta occasião como sempre, e o *bill*, que autorisava os tribunaes do almirantado a julgar como piratas os navios brasileiros suspeitos de se darem ao trafico dos escravos, foi, não applicado, como diz o *Journal des Debats*, mas votado. Pois bem! a recente decisão dos grandes juizes da Inglaterra desmente os ministros inglezes, o parlamento, e o *bill*. Ella reconhece, que o tratado de 1826 não autoriza os tribunaes inglezes a julgar os navios brasileiros, e a condemna-los como piratas; ella estabelece, que o trafico não he um acto de pirataria, segundo o direito das gentes, e que não basta, que elle tenha sido declarado como tal numa convenção internacional, para subjeitar os subditos duma nação á jurisdicção dos tribunaes dum estado estrangeiro; numa palavra, ella dá toda a rasão ao protesto do governo brasileiro, que nos chegou hoje, contra a lei ingleza, e contra o governo inglez.

E, em que circumstancia, notemo-lo bem, acabão os grandes juizes de Inglaterra de se pronunciar assim contra a doutrina, que o parlamento e o governo britannico querem fazer valer contra o Brasil? Numa occasião, em que um navio brasileiro, tomado e perseguido como pirata, nos pretendidos termos do tratado de 1826, e em conformidade das disposições do ultimo *bill*, tinha levado a resistencia até á morte do official e da equipagem ingleza, que o tinhão indevidamente capturado e detido. Esta estrepitosa proclamação do direito de legitima defeza a prol dos navios estrangeiros, expostos ás vexações da marinha ingleza, deve dar que pensar a Inglaterra, e póde servir de moderador a essa guerra surda e constante, que ella faz, em plena paz, a todas as marinhas do mundo. Ella deve, em todo o caso, induzir a Inglaterra a tomar em séria consideração o protesto, que o ministro dos negocios estrangeiros do Brasil acaba de dirigir-lhe; porque, em fim, a odiosa interpretação, que ella deo á convenção de 1826, não tem sómente contra si o bom senso, a doutrina e o interesse de todas as potencias maritimas, os protestos energicos daquella, cuja nacionalidade quer violar; ella tem contra si os proprios juizes da Inglaterra, que, pela consideravel maioria de onze contra dous, rejeitárão a doutrina do parlamento. Repetimo-lo, esta circumstancia fornece á Inglaterra um pretexto honesto de parar na odiosa carreira, em que entrou; pois que não póde proseguir na execução dum *bill* contra o qual deverião protestar todas as nações maritimas, sem se expôr a vêr os seus proprios juizes negarem-lhe applicação. Tambem não participaremos, de modo algum, da admiração, com que o *Journal des Debats* attesta, que o governo inglez se apressou a executar a sentença proferida pelos grandes juizes. Aquelle governo não se apressou, ao nosso modo de vêr, senão a aproveitar se da feliz occasião, que lhe era offerecida, para se tirar dum grande embaraço. Em quanto ao seu pretendido respeito pela justiça, serião certamente precisos outros actos, que não o *bill* de 8 de agosto e todas as suas consequencias, para nos induzirem a admira-lo.

(*Presse.*)

## Miscellanea.

QUEBRA-MARES FLUCTUANTE.

O empenho, com que a *Revista* traz os seus leitores ao corrente de todas as descobertas e novidades importantes do mundo, assim que as julga exactas, pela autoridade dos melhores jornaes estrangeiros, de que a sua redacção se auxilia (e cabe aqui prevenir os leitores de que, se alguma noticia importante encontrarem alguma vez noutros jornaes, que não tenhão encontrado ainda nas columnas da *Revista*, he porque essa noticia carece talvez do grão de veracidade ou credito, que muito tenho a peito em tudo que refiro): esse empenho, dizia, me faz hoje dar conhecimento de uma descoberta util, que bem merece ser aproveitada por quem e onde convier—e muita parte he dos dominios portuguezes d'aquém e d'além-mar.

Usava-se até agora, para proteger os portos de mar da violencia dos ventos e furias das vagas, construir barreiras de rochedos artificiaes. Levantavão se para este fim, com grandissimo custo e despeza, enormes massas de pedra, montes d'alvenaria, que afinal não correspondião ao dispendioso desvelo, com que erão feitos. Mas a despeza não era o seu unico inconveniente: esses molhes de pedra quebrão a acção das correntes, e dão origem a consideraveis depositos de areia, seixos e lodo, que muitas vezes obstruem a entrada das barras. Além disso a grandeza, fórma e direcção de taes molhes, complicão ainda as difficuldades.

Estes inconvenientes forão causa da invenção dos *quebra-mares*, cujo ensaio se fez nas costas da Inglaterra, em *pleno mar*, *diante do porto de* Brighton. Com este systema são desnecessarias as construcções sub-marinhas os molhes, e todas as edificações de pedra e cal. O quebra-mares compõe se de simples apparelhos de madeiras collocados sobre cascos fluctuantes, solidamente amarrados. He uma especie de dique de madeira, resistente e movel. Este dique he formado de muitas secções, prêsas umas ás outras, e cujo numero varia conforme a extensão, que se quer proteger.

Cada secção forma uma construcção solida de peças de pão de figura parallelipipedo e em grade, e montada sobre uma quilha, que se deita ao mar como um navio. O comprimento ordinario he de 112 palmos, a largura de 40, e a altura de 58, sobrenadando 16 palmos e mergulhando 32. Esta profundidade julgou-se sufficiente, porque as maiores tempestades não descem nunca a mais profunda agitação de mar no Mediterraneo e costas da Mancha, como teem provado as experiencias scientificas.

Estas secções bem seguras com cadeias, ancoras e amarras de pão, são collocadas em linha, ou melhor ainda em escalão, de modo que mutuamente se apoiem. A vaga, que vem de longe batendo na grade, não encontra uma resistencia solida e inerte, como a dos muros de pedra, mas uma resistencia flexivel, incessante, que doma, mas não quebra, que fatiga o esforço sem o affrontar, e que, depois do embate, ganha de novo o seu equilibrio. A vaga, que estalla com furia de encontro ao obstaculo continuo de um molhe, que o mina sem cessar, e que o destroe muitas vezes, passa através da grade doble de pão, que lhe cede alguma cousa, mas que a demora, que a divide, que a abranda e alisa. Assim, o mar encapellado e temeroso ao longe, passando como por um crivo, entra quieto na bacia guardada pelo quebra-mares, e fórma ahi um como tanque espelhado e tranquillo.

Teem-se feito alguns calculos curiosos para conhe-

## FOLHETIM.

### CLAUDIO STOCQ. (*)

POR Mme. Ch. Reybaud.

VIII.

EXPOSIÇÃO.

Esperou Veronica até quasi á noite á porta do Louvre, que olha para São-Germano-l'Auxerrois. O palacio, deste lado, tinha o aspecto de uma fortaleza; a entrada era apertada, baixa e flanqueada de duas torres redondas; as estatuas do rei Carlos e de sua mulher Joanna de Bourbon estavão sob o arco do postigo; os novos edificios, que levantára Francisco I, ficavão além de um jardim plantado de arvoredo, que os separava do primeiro recinto.

Duas sentinellas, em frente uma da outra, velavão nessa porta, ao lado da qual havia um corpo de guarda, onde estavão os archeiros do rei. Havia grande multidão nos arredores do paço: militares, fidalgos, mulheres cobertas de veos, e acompanhadas de uma chusma de pagens e lacaios, ião e vinhão de continuo. Podião ser então cinco horas da tarde.

De repente soárão tambores; os archeiros entrárão em fórma, e a multidão cerrou-se á porta de São-Germano-l'Auxerrois. O coração de Veronica palpitou com violencia.

— Quem vai passar por aqui, minha camarada? perguntou ella á uma pobre mulher, que, para vêr mais á vontade, se havia trepado em um monte de pedras.

— He a bella rainha Maria, respondeo um estudante com enthusiasmo, essa, a quem o povo chama a rainha branca, porque, na sua viuvez, traz o luto nessa candida côr, como he costume entre as rainhas de França.

— A rainha! a rainha de França! repetio Veronica.

E com a sua petição n'uma mão, e puchando Roberto com a outra, procurou abrir caminho por entre os archeiros.

O curto espaço, que separava a porta do Louvre de São-Germano-l'Auxerrois, foi n'um instante juncado de ramos e folhas. Dous pagens passárão adiante na carreira, depois avançou vagarosa a rainha Maria Stuart, encostada ao Sr. de Birague, seu escudeiro-mór; quatro gentis-homens carregavão um pallio, que a cobria; ella era seguida das damas e officiaes de sua casa.

Maria trajava um vestido de seda branca, cujas mangas, abertas á hespanhola, erão arregaçadas por laços de perolas; os seus cabellos, de um louro cinzento, erão seguros por uma rede de fio de prata; os anneis, em que elles estavão frisados, deixavão descoberto o mais bello colo, que tem carregado corôa. Os olhos, azues como o céo, tinhão uma expressão indizivel de melancolia, e, ainda quando a bocca se sorria, ficavão tristes e pensativos.

Tal era Maria Stuart aos dezanove annos, antes das suas faltas e desgraças, quando, viuva de Francisco II, ia em breve deixar essa bella França, onde ella reinára por um momento.

O povo, cujo amor e pesares a seguião, se apinhoava na sua passagem, logo que ella se mostrava fora do Louvre, e a saudava com suas acclamações.

— Senhor de Birague, disse ella ao seu escudeiro-mór, esta affeição do bom povo de Paris me parte o coração..... Ai de mim! e hei de ser obrigada a deixar tão bello pais, e tão boa gente!

E á estas palavras desviou os olhos, e as suas longas pestanas lhe suspendêrão as lagrimas, prestes a escapar-se.

Neste momento Veronica havia conseguido romper a linha dos archeiros, e, por um movimento accelerado, precipitou-se aos pés da rainha, apresentando-lhe Roberto, que tinha a petição na mão.

Houve um momento de sorpreza e de desordem; Maria Stuart parou, e o escudeiro-mór gritou aos archeiros;

— Tirem daqui esta mulher, villãos! ella toma o caminho a S. magestade.....

— Senhora, pelo amor de Deos, disse Veronica, attenda a este menino! elle pede a V. magestade por seu pai..... Roberto, dá, dá a petição!

O menino estendeo instinctivamente o papel, e Maria Stuart o tomou, e entregou-o ao escudeiro-mór, dizendo-lhe:

— Examine isto, para me dizer amanhãa, ao sahir da missa.

— Amanhãa! exclamou Veronica; oh! senhora, e se já fosse tarde!

Não a ouvio a rainha, que olhava tristemente para Roberto, e dizia ao Sr. de Birague:

— Como he formoso este menino! como sua mãi he feliz! Ah! que se eu tivesse um delphim como elle, seria rainha de França! Roga a Deos por mim, meu bello menino!

E passou além, ao acabar estas palavras, e entrou no Louvre.

Veronica voltou ao Grand-Chatelet; procurou fallar ainda uma vez a João Coroailles; mas despedirão-a bru-

(*) Vide *Diario* n.º 85.

e a força, a que o quebra-mares tem a resistir; mas este, estando sempre amarrado obliquamente, a força total, seja ella qual fôr, fica reduzida proporcionalmente ao angulo de resistencia.

(*Revista Universal Lisbonense.*)

## Variedade.

*Sobre a mechanica — Sua historia, seus progressos e sua influencia na prosperidade das nações.*

(Continuação do numero antecedente.)

Depois da morte de Galiléo florecêrão muitos illustres mathematicos, entre elles o grande Descartes. Hughens aperfeiçoou os relogios, inventando uma mola espiral para regular os que fossem de mostrador. Não se sabe positivamente quem foi o que primeiro teve a ideia do mostrador. O primeiro, que se vio, foi em Inglaterra, e era uma especie de relogio pequeno, composto de dous volantes com duas palhetas, que se encaixavão alternativamente nos dentes de uma roda de encontro. São estas todas as partes, de que se compunha, segundo dizem, o primeiro relogio de mostrador, que se vio, e he difficil conceber, como poderia formar-se com tres peças uma machina propria para dividir o tempo.

O inglez Hook construio outro relogio de mostrador, porém tão admiravel como o anterior, porque nem um nem outro tinhão pesos nem molas para lhe dar movimento, nem cadeia ou corda para lh'o communicar. A mechanica ia progredindo cada vez mais, e continuamente estava recebendo novos augmentos. Newton a tornou mais recommendavel pelo uso, que fez della, para explicar os movimentos dos corpos celestes. Para levar ao cabo o seu projecto começou por estabelecer estas leis do movimento.

1.ª Cada corpo persevera em seu estado de repouso ou de movimento em linha recta, menos que o não obrigue a mudar de estado alguma potencia estranha.

2.ª A mudança de movimento he sempre proporcional á força motriz, e se faz em linha recta, segundo a que imprime esta força.

3.ª A cada acção se oppõe uma reacção igual.

A Newton seguirão-se outros sabios; e entre elles se avantajárão, Mr. de la Hire e Mr. Amautons. Para partir de um ponto certo e exacto, e graduar as forças das potencias, tratárão de averiguar, qual era a força dos homens, e qual a dos cavallos. A sua investigação lhes deo o seguinte resultado: 1.º Que a força do homem se reduz só a 27 libras para impellir horisontalmente com os braços, e para puchar a corda andando: 2.º Que a força do homem, quando exercida pelo peso de seu corpo, se computa em 140 libras: 3.º Que a força de um cavallo para puxar horisontalmente se reduz á de sete homens; isto he, a 175 libras.

Cada um destes mechanicos contribuio tambem em particular para a perfeição da sciencia, de que tratamos. La Hire buscou o modo de applicar a theoria da mechanica ás artes, e para isso compoz uma obra, que sahio á luz no fim do seculo XVII com o titulo de--*Traité de la mechanique, ou l'on explique tout en qui est le plus nécessaire a la pratique des arts*, etc. Amautons meditava um projecto melhor, que era subjeitar as fricções dos corpos ao calculo. Julgou com rasão, que sem um conhecimento, por mui geral que fosse, das resistencias, que os corpos experimentão, resvalando uns sobre os outros, não era possivel avaliar o effeito de uma machina.

No tempo de Amautons havia um machinista, tambem celebre, chamado Borelli. Ancioso de gloria, e desejando distinguir-se por algum feito celebre, propoz-se fazer uma descoberta que merecesse a attenção de todo o mundo, e lhe proporcionasse a elle dias de gloria. Para este fim tratou de conhecer, pelas leis da mechanica, os meios, que o homem e os animaes teem de mover os seus membros pela acção dos musculos. A anathomia ensina, que o corpo de um animal esta construido com taes proporcões, que se veem nelle differentes applicações das potencias: umas vezes se sustêem para mover os membros; outras obrão como de concerto, e succedem-se algumas vezes uma á outra para mudar de direcção, do que resulta uma machina maravilhosa, que Borelli quiz conhecer. Conseguio por fim o seu objecto, e compoz uma obra intitulada —*De motu animalium*, em que manifestava mui claramente, que o homem póde fazer cousas extraordinarias com o movimento de seus membros, se souber aproveitar-se delles.

Entré todas as questões economicas, que se teem ventilado, com difficuldade haverá uma, que tenha soffrido mais discussão, ora pró, ora contra, do que a mechanica. A mechanica tem prejudicado consideravelmente a riqueza, era a conclusão, que de seus longos commentarios deduzião os impugnadores da sciencia; e a mechanica tem trazido grandes vantagens ás nações, que a teem cultivado, e eis-aqui a de seus defensores. Teem-se posto em acção argumentos de muito peso por ambos os partidos; teem-se esforçado os arrasoados, e, sem se entenderem nem concordarem os antagonistas da doutrina nos teem deixado uma grande luz, um manancial perenne de conhecimentos, e tão depurada a verdade, que qualquer, que sem estar prevenido nem pró nem contra, entre na questão, conhece á primeira vista, quaes arrasoados são os erroneos, e qual doutrina se accommoda mais com o bom senso e até com a mesma experiencia.

He vergonhoso (dizem os que julgão as machinas prejudiciaes á riqueza das nações) vêr a que ponto de abjecção e de miseria chega o trabalhador por falta de trabalho, ainda na sociedade mais adiantada. A sorte do selvagem, que morre por falta de alimento, he menos cruel, porque succumbe a uma necessidade, de que não considera autor outro homem. Porém, quando o operario he despedido de uma fabrica sem ter outro motivo que ter-se inventado uma machina, com a qual se economisa o seu trabalho, e fica exposta á mendicidade e á nudez uma numerosa familia, que delle dependia, este infeliz trabalhador exaspera-se, desmoralisa-se na ociosidade, e accusa os homens e as leis da sua situação desesperada.

As machinas (proseguem) são uns trabalhadores, que obrão incessantemente de dia e de noite; que estão sempre obedientes para executar as tarefas mais pesadas; que não cansão: que nada comem nem bebem; como he possivel, que o operario-homem sustente concurrencia com o operario machina? O effeito necessario da invenção das machinas he diminuir o pedido do trabalho, e desterrar das officinas os operarios, para os converter em mendigos, não tendo estes outro patrimonio que o seu trabalho.

A descoberta de uma machina (ajuntão) sómente num caso se póde considerar util; quando o pedido para o consumo permanente exceda aos meios de producção. Pelo contrario, quando a producção he bastante para o consumo existente, a descoberta será uma calamidade, privará dos meios de existir os artistas, substituidos pela machina inventada.

Estes argumentos, que tantas apparencias teem de solidos, não teem, com tudo, toda a exactidão, que a primeira vista parece: são antes sentimentos de corações philantropicos e generosos; porém que, não obstante isso, ou não tem profundado os principios economico-politicos, ou que teem illudidas as ideias. Os economistas, que se oppõem á mechanica, atacão-a sub pretexto de que se augmentão consideravelmente os productos, diminuindo-se o consumo. Porém esta rasão carece de fundamento: se o consumo estivesse sempre em rasão directa com a producção, a sua doutrina seria muito boa; porém esta regra não he fixa: nem sempre o consumo determina primitivamente a producção, e ás vezes a economia ou perfeição nesta provoca a sua exportação. « Além de que, como muito bem diz o Sr. Florez Estrada nos seus elementos de economia politica: — Se, provendo-se o pedido do consumo permanente, se devesse olhar como prejudicial a invenção de uma machina, porque, diminuindo o trabalho braçal, deixa sem emprego uma parte dos operarios anteriormente occupados, por igual rasão deveriamos desapprovar a maior actividade, destreza e conhecimento dos artistas. O resultado desta maior destreza, actividade e conhecimento, he que um numero menor de trabalhadores obteria, num tempo determinado, maior quantidade de productos, e por conseguinte, que o pedido do trabalho se diminuiria. A questão, pois, ácerca do melhoramento e invenção das machinas, no fundo, não he outra senão a questão ácerca da maior intelligencia e actividade dos trabalhadores. Os principios, que resolvem uma, são identicamente os que resolvem outra. Se he conveniente á sociedade a illustrada destreza do trabalhador, para que, com igual ou menor trabalho, possa prover á de maior quantidade de productos, por necessidade ha de ser vantajoso obter igual resultado com o auxilio de machinas e instrumentos. »

Insistindo os impugnadores das machinas no seu empenho de fazer ver, por toda a parte, inconvenientes, que produz o seu uso, e prejuizos, que recebe a riqueza publica, empenhão-se em provar, que se diminue o pedido do trabalho, e daqui deduzem um sem numero de consequencias pouco fundadas em bons principios economicos. Eis-aqui o grande argumento, que fazem: por meio das machinas se consegue, que um numero menor de operarios produza uma quantidade determinada de artigos de riqueza, logo, diminue o pedido de trabalho. Este raciocinio seria exacto, se o effeito das machinas estivesse circumscripto a supprir o trabalho do homem, augmentando o esforço das potencias; porém não são estes só os seus effeitos: além do já indicado abrange os seguintes: diminue o preço dos artigos elaborados, faz que sejão maiores as encomendas, e renova mais rapidamente o capital, contribuindo mui poderosamente para a circulação da riqueza, que he a fonte de vida e de prosperidade das nações.

He um principio innegavel em economia politica, que o preço dos objectos suba ou desça, conforme o maior ou menor offerecimento e encomenda dos productos, segundo a maior ou menor producção, que haja, e segundo o maior ou menor consumo. Se ha muito offerecimento de productos, tornão-se naturalmente mais baratos, e, barateando-se, ha maior encomenda, porque se augmentão os pedidos em rasão da sua maior barateza. O consumidor do genero barato alcança uma economia em suas despezas, e por conseguinte, se he productor de outro ramo de industria, póde dar maior latitude á sua producção, e, se não o he, poderá augmentar os seus gozos, dedicando o que poupa num a satisfação do outro; e deste modo os operarios, que sobrão num ramo de producção, podem ter cabimento noutro.

Quanto menos despezas tiver que fazer o proprietario na producção, tanto mais baratos deverá dar os productos de consumo; e os consumidores, que com menos custo que antes obtiverem mais ou melhores generos que os que anteriormente obtinhão, se apressarão a comprar os productos, de que necessitem, até encontrarem o meio de satisfazer com commodidade as suas necessidades physicas, e até as ficticias, que he no que consiste a verdadeira riqueza das nações. Não se póde dizer, que uma nação tem chegado a um alto grão de prosperidade, porque os capitalistas tenhão accumulado muita riqueza; para isto he preciso, que a classe de consumidores, que he a mais abundante em todas as nações, tenha meios faceis e promptos de satisfazer todas as suas necessidades.

Dizem tambem os impugnadores das machinas, que, por sua invenção, tem ficado na miseria uma multidão de operarios, que teem sido despedidos das fabricas, por não poderem competir com o effeito, que as machinas produzem na elaboração dos productos. Este argumento tem alguns visos de verdade, porém, nem por isso he mais exacto e convincente, que os anteriores. Em primeiro lugar, não he exacto, que os operarios fiquem repentinamente sem occupação e expostos á mendicidade pela invenção de uma machina, que substitue o trabalho, que elles anteriormente empregavão para conseguir algum producto. A construcção de uma machina he um negocio complicado, que requer muito tempo, muitos conhecimentos e muito dinheiro: não he um golpe, que não se vê chegar, e que por conseguinte não se possa reparar, he um facto, que se está vendo muito tempo antes de que aconteça, e cujas consequencias podem provir dos mesmos operarios, buscando com tempo outra occupacão, para quando ficarem desoccupados, e que, além disso um governo sabio e previdente deve remediar.

Porém, ainda quando com a invencão de uma machina ficassem sem occupação muitos operarios, isto não seria mais do que momentaneamente, e depois seria reparado com usura.

Vejamos o que sobre este particular diz o acreditado economista o Sr. Valle, no seu curso de economia politica: — « Contestando Say, diz, os argumentos de Simondi, prova, que nem sempre as machinas deixão em inacção os operarios, com dous factos, a saber: com as machinas de fiação e tecido de algodão, e com a invenção da imprensa. No anno de 1775 só se occupavão em Inglaterra nas manufacturas de algodão umas 7,900 pessoas; porém, depois que se inventárão os theares, e que se aperfeiçoarão successivamente, foi tal o incremento, que tomou esta industria, que em pouco tempo se contavão 400,000 pessoas occupadas, e hoje emprega-se um numero consideravel. Effeitos analogos, ainda que em esphera mais reduzida, teem produzido em França, de igual producto. Antigamente era custoso alcançar um manuscripto, e particularmente os monjes erão os que se occupavão neste trabalho, de modo que a elles principalmente se deve a conservação de tantas obras apreciaveis da antiguidade, que sem duvida, noutro caso, se terião perdido de todo com a irrupção dos barbaros. Daqui resultava, que as bibliothecas erão tão mesquinhas naquelle tempo, e que não tivessem comparação com as que hoje se conhecem em todas as cidades de alguma consideração, sendo, por assim dizer, o graduador da civilisação dos povos. Supponhamos, que houvesse, ao muito, 40 mil copistas em toda a Europa, porem, depois que se inventou a imprensa, foi maior o numero das pessoas, que achárão occupação nesta industria, contando-se hoje milhões de pessoas, que estão empregadas na imprensa. Muitos dos que anteriormente erão copistas se convertêrão em directores de imprensas, compositores, revisores, impressores; occupando, além disso, a imprensa outros na fundição de lettras, fabrico de papel, etc.

Julgamos, pois, que não podem estar melhor demonstradas as vantagens, que a invenção das machinas tem trazido para a prosperidade das nações, que as teem admittido.

Não diremos por isso, que as machinas são sempre uteis á prosperidade das nações: todas as cousas, que em sua creação forão muito boas, e que produzirão mui bons resultados, ou teem degenerado do seu primitivo instituto, ou se fazem inuteis ou prejudiciaes: eis-aqui o que póde acontecer com as machinas. A sua invenção e o seu uso tem trazido e traz grandes vantagens ás nações, proporcionando mais productos, mais baratos e melhores que os que antes se conseguião pelo trabalho material do homem; porém tambem esta abundancia póde prejudicar muito, se os productos excederem mui consideravelmente o consumo, porque tambem o muito sangue afoga o que o tem. Não consiste exclusivamente a bondade das cousas na sua abundancia; mas sim nos bons resultados desta mesma abundancia, tendo exportação os productos, ou excitando de algum modo, essa mesma exportação. O interesse productivo, isto he, o que se tem accumulado sem poder dar-lhe destino algum, he uma riqueza morta e prejudicial á prosperidade das nações.

Além das considerações economico-politicas, que sustentão as vantagens das machinas, ha outras de interesse geral, que se não podem perder de vista. Os seculos vão adiantando progressivamente em conhecimentos, porque he esta a lei da natureza: querer deter o desenvolvimento do entendimento seria querer transtornar a ordem, que o mesmo Deos estabeleceo. Essa força creadora, cujo germen tem o homem em si, não póde estar em inacção, sob pena de reduzir o entendimento a limites mui estreitos; e tão difficil he poder dizer ao entendimento, que se desenvolve, que se lança pelo não conhecido, alto ahi, como deter o pensamento, e reduzi-lo a fórmas materiaes.

Quando uma nação vê, que outra tem feito uma brilhante descoberta, por meio da qual consegue um novo augmento da sua riqueza, entra a emulação nos peitos, em que arde o amor patrio; combina-se este desejo de dar gloria e illustração á sua patria com o interesse parcial dos individuos; e então se trabalha, até que se descobre, e até que aquella descoberta produza os effeitos appeticidos. Se alguns ficão prejudicados, de que servem alguns comparativamente com uma nação? Acaso, pela commodidade e vantagens de alguns, hão de permanecer os mais em inacção, e sem procurar os meios de fazer mais productivos os seus capitaes?

Pois eis-aqui o que precisamente acontece com as machinas: ainda quando a sua invenção fosse prejudicial a alguns operarios, que são alguns operarios para toda uma nação? O querer estar aferrados aos costumes antigos, despresando tudo o que he moderno, por bom que seja, presuppõe muito atrasamento, muita pendanteria, muito empenho systematico de sustentar uma opinião exclusiva, e, por ultimo, mui pouco discernimento, e menos criterio. Respeitem-se embora as cousas antigas, que tragão vantagens positivas ás nações; porém, conhecida a maior utilidade das modernas, devem desapparecer aquellas complétamente, por mais tradiccionaes, que sejão, por mais vóga, que tenhão tido. A revolução de ideias e de systemas he uma cousa, a que se não póde resistir, porque representa os adiantamentos do seculo e das necessidades, que teem de ir progredindo para melhoramentos positivos.

A invenção das machinas tem tambem contribuido mui poderosamente para prescrever a escravidão. A civilisação foi a que estabeleceo o primeiro fundamento para abolir esta condição tão indigna na classe dos homens; porém as machinas, que se forão inventado successivamente, ajuntárão a parte utilitaria á bonitaria, que era a que proscrevia a servidão. Os escravos applicavão-se aos trabalhos mais penosos, as que não terião querido dedicar-se homens livres: inventárão-se as machinas, supprimio-se com ellas a força do homem, e não houve mais aquelles penosos trabalhos; e por conseguinte cessou a necessidade de que existissem homens tão degradados como os animaes, sobre os quaes os seus senhores tinhão um dominio illimitado, e a quem só com um leve mandado podião fazer morrer.

Concluiremos, transcrevendo um paragrapho do já referido Sr. Florez Estrada nos seus Elementos de economia politica: = « De quantas reflexões justas, diz, se podem fazer na presente questão, se segue, que o resultado dos progressos da mechanica não he outro senão augmentar e aperfeiçoar os productos da industria, diminuir o seu custo, proporcionar aos associados mais meios de existir, mais facilidade de accumular capitaes, e por conseguinte maior pedido de trabalho. He, pois, um absurdo attribuir a indigencia das classes operarias á concurrencia da machina operaria. »

(*Diario do Governo.*)

## COMMERCIO.

### Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 17. ............... 19:437$891

*Descarregão hoje* 18.

Brigue—*Arago*—alcatrão.
Barca—*Glenbenbrat*—farinha.
Brigue—*Tarujo I.*—mercadorias.
Polaca—*Josefina*—farinha.
Brige—*Juanete*—vinho e alpista.
Brigue—*Fortuna*—alcatrão e carvão.

### Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 17.

| | |
|---|---|
| Geral............................ | 1:442$347 |
| Provincial............................ | 494$517 |
| Diversas provincias .................... | 194$352 |
| | 2:131$216 |

### Movimento do Porto.

*Navios entrados no dia* 17.

Costa da Patagonia; 35 dias, galera ingleza *Wilmot*, de 687 toneladas, capitão Thomas Hamlin, equipagem 33 carga guano; a Johnston Pater & Companhia. — Segue para Falmouth para receber ordens.

Bahia; 5 dias, brigue de guerra inglez *Gresson*, commandante Alexandre Montgomery.

S.-Catharina; 25 dias, escuna brasileira *Jove-Demeteca*, de 112 toneladas, capitão Justo Maria Susta·

---

talmente: conservou-se ella á porta até a noite; então o guarda-chaves, que lhe havia aconselhado, apresentasse a petição, veio ter com ella, e disse-lhe:

— Volte para Senlis, minha chara. João Corosilles para lá será conduzido amanhãa. Se elle obtiver a sua graça, Vm. o saberá.

Acreditou-o ella, e partio no dia seguinte ao primeiro arrebol da aurora.

Muito tempo foi preciso á velha e ao menino para vencerem esse longo caminho. Em fim, no segundo dia, ao anoitecer, chegárão a Senlis. Durante a viagem havia Veronica visto passar muita gente a cavallo, muitos viajantes a tinhão deixado atras; mas debalde havia ella procurado conhecer João Corosilles e a sua escolta.

Ao chegar á porta de Meaux, parou para dar passagem a dous homens á cavallo: um trazia na garupa um grande sacco de panno, e disse á sentinella da ponte levadiça:

— Amanhãa demanhãa daremos publicamente uma amostra, para terror e salutar exemplo de todos e de cada um de per si. He a sentença dos senhores do parlamento.

Veronica estremeceo.

— Amostra de que? disse ella entre si; meu Deos do céo! uma confissão publica!.....

Passou a ponte levadiça, sem lhe dizerem nada, e atravessou a cidade pelas ruas mais escuras. Ao chegar á casa, achou a porta e janellas arrombadas; tudo havia sido pilhado, saqueado, devastado; mas o cofrezinho de ebano estava intacto no seu lugar. Veronica foi enterra-lo na adega; depois trancou-se, como pôde, nessa casa, da qual, por assim diser, só as paredes restavão, e percorreo, chorando, esses lugares, onde se havião escoado todos os annos de sua vida. O pobre Roberto ia de um lado para outro com ar espantado, procurava a sua cama, a cadeirinha, onde costumava sentar-se, o engenho de fiar de sua mãi, e só achou destroços: a gentalha havia feito em pedaços tudo, que não roubara. Em fim, poz-se a chorar, dizendo:

— Minha mãi! minha mãi! nós não a vimos; e meu pai está n'uma prisão com uma corrente ao pescoço! Aqui não acho mais minha caminha, nem nada do que havia. Ah! minha boa Veronica, vamo-nos daqui tambem embora!

Procurou ella consola-lo; mas elle chorava sempre, chamando sua mãi. A velha criada não ousou recorrer á caridade de seus vizinhos; foi buscar um pouco de palha á estribaria, e nella se deitou com Roberto, depois de haver repartido com elle um pedaço de pão comprado no caminho com o seu ultimo vintem.

— Ora á nosso Senhor, antes de adormeceres, meu filho, lhe disse ella resignada; depois de tantos dias amargurados, dar-nos-ha melhores........ Pede-lhe por tua mãi, por teu pobre pai.

— Vou pedir-lhe, que me leve para si, interrompeo Roberto, e a vossê tambem, boa Veronica, com meu pai e minha mãi: com Deos está a gente bem..... Meu Deos! fazei-nos morrer a todos!

E com esta oração nos labios adormeceo; e Veronica, vencida pela fadiga, cahio tambem em profundo somno.

Despertou ella com o dia alto. Fazia bom tempo, um raio de sol penetrava através da mal fechada janella, na praça ouvia-se grande tumulto. Veronica ergueo-se; sua primeira ideia foi, que conduzião João Corosilles, e tomou-se de mortal agonia. Se o rei não houvesse agraciado, era chegada a hora do supplicio.

— Mas não, não! dizia Veronica entre si, não o trarião ante a casa de Deos para mata-lo!

Lançou-se para a janella, e espreitou. A multidão enchia a praça e se apinhoava, com clamores surdos, em torno de um poste levantado em frente da porta principal da matriz; uma cabeça ensanguentada ahi estava amarrada á cima de um grande cartaz.

A velha sentio fraquejarem-lhe as pernas, ergueo as mãos ao céo, e ficou por alguns momentos muda de sorpresa e de horror; depois, pallida, fóra de si, chamou a vingança de Deos. Aos seus gritos despertou o menino.

— Roberto, lhe disse ella, arrastando-o para a janella, vês acolá aquella cabeça?

Roberto lançou os olhos para o lado, que ella lhe indicava, e recuou horrorisado.

— He a de teu pai, proseguio Veronica, e foi Claudio Stocq quem alli a poz. ... Tu has de vir a ser grande, Roberto; has de um dia poder manejar a espada; ... então lembra-te da praça da matriz, desse poste e do Claudio Stocq.

O menino havia descorado, levou a mão á fronte, e cahio por terra sem sentidos.

Em quanto Veronica o soccorria, ouvio gritar por baixo das janellas:

— Ouvi, ouvi todos! isto he a sentença dos senhores do parlamento; a condemnação de João Corosilles, decapitado na praça do mercado de Paris; o corpo queimado, a cabeça exposta publicamente na cidade de Senlis, que elle escandalisára com a sua heresia, e todos os seus bens confiscados. Ouvi, ouvi a sentença!

No mesmo dia Veronica e o menino forão procurar um asylo na floresta de Compiegne, em casa do pobre lenhador, onde já Perine Barbuda se havia refugiado.

(*Continuar-se-ha.*)

che, equipagem 9, carga farinha ; a Manoel Ignacio de Oliveira.

Rio-Grande-do-Sul ; 27 dias, patacho brasileiro *Felicidade*, de 183 toneladas, capitão Antonio José Alves, equipagem 11, carga carne ; a Amorim Irmãos & Companhia

Patagonia; 45 dias, brigue inglez *Hope*, de 211 toneladas, capitão John Turner, equipagem 16, carga guano ; ao capitão.

Idem , 29 dias, barca ingleza *Heripping*, de 258 toneladas, capitão William Badqus, equipagem 16, carga guano ; ao capitão.

Rio-Grande-do-Sul ; 19 dias, brigue brasileiro *Victorina*, de 181 toneladas, capitão Bento José de Almeida, equipagem 16, carga carne ; a Amorim Irmãos & Companhia.

Mar-Pacifico, tendo sahido de New-Bedford, ha 28 mezes, galera americana *Lagoda*, de 350 toneladas, capitão Henry Catt, equipagem 30, carga azeite de peixe ; ao capitão

*Navios sahidos no mesmo dia.*

S.-Matheus; sumaca brasileira *S.-Miguel-Venturoso*, em lastro. Passageiro portuguez, Manoel José de Magalhães Basto, e 14 escravos a entregar.

Portos do Norte, em commissão do governo, barca brasileira *Firmeza*, capitão Narcizo José de Sant'Anna, carga a mesma, que trouxe.

## Declarações.

= O Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha manda novamente fazer publico , que, na conformidade das ordens do Exm. Sr. presidente da provincia , ultimamente recebidas, fretará um navio mercante de 150 a 200 toneladas, para o fim, já annunciado , de conduzir a ilha de Fernando 800 saccas de farinha de mandioca , e diversos outros objectos , que se remetterá àquella ilha , e trazer, na volta, toda a porção de pedra de calçar , que poder receber , e os presos e demais pessoas, que d'alli houverem de regressar ; devendo os pretendentes apresentar as suas propostas nesta secretaria , em cartas fechadas , no dia 18 (hoje) do corrente , pelas 10 horas da manhãa.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 11 de abril de 1846.—O secretario,

*Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

O Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha, em virtude d'ordem do Exm. Sr. presidente, tem de contratar a compra de um carregamento de farinha para a provincia do Ceara, e assim o respectivo transporte em navio, que tenha para isso as devidas proporções, e em consequencia manda declarar, que para uma e outra cousa receberá nesta secretaria as respectivas propostas, apresentadas até o dia 18 (hoje) do corrente, as 10 horas da manhãa.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 16 de abril de 1846.

O secretario,

*Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

=O Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha manda fazer publico, que comprará, no dia 18 (hoje) do corrente, 40 a 50 peças de cabo de linho de primeira qualidade, de 1 ½ a 4 ½ pollegadas: devendo os pretendes apresentar nesta secretaria, até esse dia, as suas propostas em cartas fechadas.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 15 de abril de 1846.

O secretario ,

*Alexandre Rodrigues dos Anjos.*

— O arsenal de guerra compra 200 vassouras de timbó ; quem as tiver para vender , mande ao mesmo arsenal sua proposta , em carta fechada , até o dia 18 (hoje) do corrente.

Directoria do arsenal de guerra, 15 de abril de 1846.

O escripturario,

*Francisco Serafico de Assis Carvalho.*

= O 1.º batalhão de caçadores de linha precisa contratar o fornecimento de café, pão, assucar, carne secca, feijão, farinha, toucinho e arroz : quem taes generos quizer fornecer, poderá apresentar suas propostas na secretaria do batalhão, (rua das Agoas-Verdes, casa n. 86), no dia 20 do corrente, pelas 10 horas da manhãa.

*Candido Francisco de Sant'Anna,*

Alferes agente.

## Avisos maritimos.

= Para o Assú e Moçoró o hiate *Boa-Viagem* pretende sahir até o dia 20 do corrente , por ter já parte da carga prompta : quem nelle quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se a loja de ferragens junto ao arco da Conceição, n. 63.

= O patacho nacional *Victoria-Feliz* sahe para a Bahia , no dia 22 do corrente , impreterivelmente : quem no mesmo quizer carregar , ou ir de passagem , dirija-se a Novaes & Companhia , na rua do Trapiche, n. 34.

= Para Lisbôa sai, impreterivelmente no dia 8 de maio vindouro, o bergantim portuguez *Triumphante*, capitão Paulo Antonio da Rocha; recebe carga e passageiros, para os quaes tem excellentes commodos: os pretendentes dirijão-se aos consignatarios Oliveira Irmãos & Companhia , na rua da Cruz, n. 9 , ou ao referido capitão.

= Frete-se, para qualquer porto da Europa, preferindo-se Hamburgo , a barca portugueza *Especulação*, de primeira marcha, forrada e encavilhada de cobre: quem pretender, dirija-se aos consignatarios, Oliveira Irmãos & Companhia, na rua da Cruz, n. 9.

— Para Lisboa sahirá , com toda a brevidade possivel , por ter parte do carregamento prompta , o brigue portuguez *Josephina-Emilia*, capitão Isidro Ayres de Souza : quem no mesmo quizer carregar , ou ir de passagem , dirija-se a Nascimento Schaeffer & C. , na rua da Cruz , n. 45 , ou ao dito capitão.

— Para a Bahia segue com brevidade o brigue-barca *Generoso*, por ter parte do seu carregamento; póde receber qualquer porção de carga, assim como tem bons commodos para passageiros: os pretendentes podem tratar com Amorim Irmãos, rua da Cadeia, n. 45.

## Leilaõ.

— Leilão publico, a bordo do brigue *Sertorio* , de uma porção de carne avariada , pelas 8 horas do dia 22 do corrente , na presença do Sr. doutor juiz do civel da segunda vara.

## Avisos diversos.

— Roga-se ao Sr. chefe de policia, haja de publicar, pelo prelo, a chapa do partido praieiro para a eleição dos dous senadores por esta provincia , a fim de se desvanecer a crença , que se vai estabelecendo , de que o mesmo partido tem excluido della ao seu mais antigo e genuino correligionario, o Sr. Antonio Joaquim de Mello. — *O amigo de um dos interessados.*

= Roga-se ao Sr. Antonio Soares Ferreira dos Santos, queira apparecer em casa do padre Primo , na rua do Burgos, à negocio de seu interesse.

O NAZARENO N. 15,

estará a venda, ao meio dia em ponto, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8, e na casa da Fé, rua estreita do Rozario.

Traz a correspondencia particular da côrte ; noticias muito interessantes do Rio-da-Prata , e uma circular sobre a eleição dos senadores vinda do Rio-de Janeiro , e reflexões a essa circular : está digno de ser lido pelos Pernambucanos , e por todos quantos presão a justiça.

—José Monteiro de Aguiar vai à Europa.

— Precisa-se de um bom encadernador, a quem se dará trabalho effectivamente : nesta typographia.

— Aluga-se um moleque para todo o serviço : na rua larga do Rozario, no segundo andar do sobrado n. 3o.

— Precisa-se de um bom cozinheiro ; a bordo do patacho *Victoria-Feliz*.

## Fabrica de chapéos de sol , rua do Passeio-Publico, n. 5.

João Loubet tem a honra de participar ao respeitavel publico, que acaba de receber de França, pelos ultimos navios francezes , um bello sortimento do ultimo gosto , sendo : chapeos de sol para homem e senhora , de seda lisa , lavrada , e furta-côres , com cabos e castões muito ricos ; sedas de todas as côres , e qualidados , panninhos entrançados e lisos ; tudo para cobrir chapeos de sol ; chapeos de sol, de panninho de todas as côres , para homem , com cabos e castões ricos : tambem concerta os mesmos , tanto de homem como de senhora ; pois tem tudo quanto he necessario para os ditos , e promette muita brevidade para fazer qualquer concerto : tudo por preço commodo.

= Quem precisar de uma mulher para ama de uma casa de homem solteiro , ou de pouca familia , dirija-se a rua da Roda, n. 29.

= Offerece-se um sacerdote para dizer missa nesta cidade , até duas legoas de distancia : na praça da Independencia , livraria , ns. 6 e 8

= Deseja-se saber, aonde morão os filhos e herdeiros do finado Ignacio Almeida Sarinho ; e tambem os herdeiros dos engenhos Mundo-Novo e a Arariba-da-Pedra , a negocio tendente aos mesmos engenhos.

—Deseja-se fallar ao Sr. Umbellino Guedes de Mello: por isso, queira declarar a sua morada para ser procurado , ou dirija-se a rua do Queimado , loja n 2

— Quem annunciou ter uma carta para a senhora D. Maria Josquina de Albuquerque , dirija-se ao escrivão Ferreira de Carvalho , na rua das Trincheiras , n. 36 , que se lhe dirá onde existe a mesma senhora.

— Precisa-se alugar uma preta para o serviço interno e externo de uma casa ; na travessa da Concordia, n. 11.

= O Sr. Custodio José Maria , que teve , ou tem loja de sapateiro na rua de Agoas-Verdes , mande receber uma carta , na rua da Cruz , n. 37, segundo andar.

= Deseja-se saber, se existem nesta provincia os Srs. Bernardino Antonio da Costa , e Severo Antonio da Costa , filhos do Sr. Francisco de Paula da Costa , do Maranhão , a fim de se lhes dar noticias , que muito interessão aos mesmos, ou a quem delles souber: dirijão se a J. B. da Fonseca Junior , na rua da Cruz , n. 37, segundo andar

= Um rapaz brasileiro , casado, com uso de ensinar , se offerece para dar lições de primeiras lettras e grammatica portugueza, em casas particulares ; quem de seu prestimo se quizer utilisar , dirija-se a rua da Gloria , n. 48.

= Manoel da Silva Passos , subdito portuguez, retira-se para a Europa.

— Precisa-se de um caixeiro portuguez , de idade de 16 annos, pouco mais ou menos , para tomar conta de uma venda , e que dê fiador a sua conducta ; na praça da Boa-Vista , n. 7.

— Dá-se dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata , e hypothecas em casas terreas ; na rua estreita do Rozario , n. 30 segundo andar.

= Manoel José de Magalhães Basto retira-se para o Rio-de-Janeiro, a tratar de seu negocio, e deixa por seu procurador a seu irmão, Francisco José de Magalhães Basto.

= Achou-se uma pequena obra de ouro , na ponte da Boa-Vista ; quem for seu dono, dirija-se a rua Nova , loja n. 58, que, dando os signaes certos e pagando o annuncio , lhe será entregue.

= Furtárão , na noute de 14 para 15 do corrente , do quintal da casa n 42, na rua de Agoas-Verdes , dous grandes tachos de cobre , sendo o maior capaz de levar dous baldes d'agoa , e o outro menor : roga-se a quem souber onde existem taes objectos , ou a quem forem os mesmos offerecidos por compra , os apprehenda , e participe em a dita casa , que será recompensado.

— Arrenda-se o engenho Limoeirinho , da freguezia da Escada ; arrenda-se com 40 bois , 50 e tantos animaes de roda , 5 ou 6 escravos ; tambem vende-se a safra , que esta criando : a tratar na rua do Queimado , loja n. 6

= Joaquim Ferreira dos Santos retira-se para o Porto.

= Precisa-se arrendar uma casa com grande quintal , ou sitio , até a Soledade , quêr seja pelo Corredor-do Bispo, quêr pela Trempe ; na rua da Conceição da Boa-Vista, n. 8.

— Dão-se a juros 50$ até 100$ rs. , com penhores, ou hypotheca ; na rua da Conceição da Boa-Vista , n. 8.

= Francisco Moreira Dias embarca para o Rio a sua preta Thereza.

— Deseja-se saber onde he a assistencia do Sr. Francisco de Paula Tavares Coutinho , ultimamente chegado do Aracaty , na sumaca *Felicidade*.

= Bernardino Moreira Duarte declara, que quem se julgar seu credor apresente suas contas nestes 5 dias.

= Offerece-se um rapaz portuguez , de 20 annos, para padaria , ou venda , do que tem bastante pratica : quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Caldeireiro , n. 60.

= Manoel Bento Machado embarca para o Porto, a entregar a seu genro Lino Ferreira da Silva, os dous escravos de nome Urbano , Angola , e Domingos , crioulo.

= O abaixo assignado , como procurador bastante de seu sogro, o Sr. Francisco da Silva , tem autorisado ao Sr. Antonio da Costa Ribeiro e Mello para cobrar as dividas da loja do dito seu sogro , e por isso poderão os devedores a referida loja satisfazer , que se lhe levarão em conta os recibos passados pelo dito Ribeiro. = *João Nepomuceno Barroso.*

= Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua Nova , n. 5 , com commodos para bastante familia : a tratar na loja do mesmo sobrado.

— João Luiz Dias Tavares , subdito portuguez , retira-se para o Pará.

= Precisa-se de um moço portuguez, de 12 a 16 annos de idade, e que tenha alguma pratica de vender fazendas fóra da cidade : na rua do Crespo, n. 4, loja de Joaquim da Silva Castro. Na mesma loja precisa-se de um homem chegado ha pouco, para feitor de engenho.

= O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico, que, tendo se manufacturado em sua loja diversos objectos para o arsenal de guerra, autorisou ao seu caixeiro Vicente José da Costa para receber a importancia destes generos, e este recebeo da thesouraria geral um vale da quantia de 116$ rs., passado em seu nome: e, como o dito Vicente deixasse de ser seu caixeiro, e não lhe tenha querido entregar o dito vale, pretextando o ter-se desencaminhado , roga o mesmo abaixo assignado ao Sr. inspector da thesouraria geral, que não pague sem sua ordem o referido vale, e com o que previne, que ninguem faça transacção alguma, visto que elle lhe pertence, pois declara serem os objectos de sua loja.

*Antonio Ferreira da Costa Braga.*

## Loteria de S. Pedro Martyr de Olinda.

As rodas desta loteria andão infallivelmente no dia 25 do presente mez seja qual fôr o numero dos bilhetes, que fiquem por vender. O resto destes acha-se nas lojas de cambio dos Srs. Vieira, e Manoel Gomes, no bairro do Recife, e no de Santo Antonio, nas lojas dos Srs. Menezes, e Gusmão, e nas boticas dos Srs. Chagas, e João Moreira ; na vespera do andamento das rodas sómente se venderáõ ditos bilhetes na botica do Sr. Moreira Marques.

= Offerece-se um moço portuguez, de 18 annos , para caixeiro de qualquer arrumação , do que tem praticas ; quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua estreita do Rozario , n. 8, ou annuncie.

=José Antonio da Cunha, subdito portuguez, retira-se para fóra do imperio, levando em sua companhia sua tia, Luiza Leonor da Costa.

— A fabrica de sabão da rua Imperial do Aterro principiou a trabalhar no dia 14, e do dia 18 em diante poderá fornecer sabão aos freguezes , de qualidade superior ao que vem de fóra , e por preço sempre inferior ao dos armazens de deposito deste genero.

= Domingos José Marques , solicitador da primeira e segunda instancia, e tambem do foro ecclesiastico, mudou a sua residencia da rua das Trincheiras para a rua do Queimado, n. 14, segundo andar ; as pessoas, que se quizerem utilisar de seu prestimo, relativamente a seu emprego , deveráõ procura-lo até as 9 horas da manhãa , e a tarde das 4 em diante , que promette solicitar o mais commodo , que for possivel , e com actividade.

— A pessoa, a quem pertencerem umas saccas , que dizem ser de arroz e feijão, vindas em uma barcaça de Porto-Calvo, a qual as deixou para se tirar, e, a pedido do mestre , se tomarão , dirija-se a rua da Cruz, venda n. 46, que, dando os signaes certos, e pagando o frete e despezas, serão entregues.

## Sociedade Theatral Melpomenense.

O thesoureiro avisa aos Srs socios , que os bilhetes para a recita de hoje, 18 do corrente, se distribuem na rua da Cruz , n. 43 ; e o mesmo faz sciente aos mesmos socios , que cobrará duas mensalidades.

= O arrematante do imposto de 20 por cento sobre o consumo das agoas ardentes de producção brasileira avisa aos Srs. , que ainda não pagarão dito consumo, venhão faze-lo nos dias 18 , 19 e 20 do corrente , na rua Direita , n. 80 , findos os quaes se procederá na fórma da lei contra os que deixarem de pagar.

= O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico , que Antonio José Ribeiro Junior deixou de ser seu caixeiro desde esta data : em consequencia do que, avisa aquellas pessoas, com quem o mesmo tenha contrahido algum debito, para que compareçaõ na rua de S. Rita , n. 91 , a fim de ser pago dentro do prazo de 4 dias , depois do qual se não responsabilisa. = Recife, 16 de abril de 1846.

*Joaquim Antonio de Santiago Lessa.*

— Quem precisar de uma ama com bastante leite , e bom para criar , dirija se a rua das Cruzes , n. 22 , segundo andar.

= O doutor Pedro de Athahide Lobo Moscoso, medico , mudou a sua residencia para a rua Nova , n. 7 , segundo andar, defronte do oitão da matriz de S. Antonio ; as pessoas , que precisárem de seu prestimo , podem o procurar nessa casa a qualquer hora do dia, ou a noute , e continúa a curar gratuitamente as pessoas pobres.

= Precisa-se de um rapaz portuguez para vender pão junto com um preto: na rua da Guia, padaria n. 58.

= Furtárão da casa do abaixo assignado uma ataca de diamantes miudos , obra antiga ; quem della tiver noticia , ou tenha comprado , ou empenhado , tenha a bondade de levar na rua da Concordia , casa terrea , junto a pequena casa do doutor Baptista , que tudo se pagará muito generosamente.

*João Germano de Paula.*

=Fazem-se colchões elasticos, com toda a perfeição, e concertão-se velhos : faz-se e concerta-se qualquer guarnição de sege , cortinados de qualquer feitio, tanto de sala como de cama , armações de camarim , e em fim tudo quanto for concernente a tapeçaria , por preço commodo: na travessa da Concordia, n. 13, e n. 6, atrás da torre do Carmo , por a rua da Concordia.

= Perdêrão-se duas apolices do thesouro , de ns. 20 e 21 , de quantia de 400$ rs. cada uma , recebidas na thesouraria desta provincia , e unidas as mesmas dous conhecimentos , sendo um da quantia de 60$ rs. e outro de 40$ rs. , dadas em pagamento ditas apolices a José Antonio de Oliveira , a quem pertencem.

SOCIEDADE HARMONICO-THEATRAL.

A commissão administrativa convida, pela segunda vez, aos Srs socios em geral para reunião da sociedade, na fórma dos artigos 4 e 41 dos estatutos, amanhãa, 19 do corrente, pelas 10 horas da manhãa, no salão do theatro d'Apollo.

—Perdêrão-se, desde a rua dos Quarteis até a rua dos Açouguinhos, dous cordões de ouro com uma medalha; a pessoa, que achou, querendo restituir, dirija-se ao Aterro-da-Boa-Vista, loja n. 46, que será generosamente gratificada.

—Precisa-se de um Portuguez para feitor de um sitio perto da praça, que entenda de plantações; quem estiver nestas circumstancias, annuncie, ou dirija-se á rua do Queimado , n. 30.

= Manoel Lopes de Araujo retira se para fóra do imperio.

## Compras.

— Compra-se uma porção de guano ; quem tiver , annuncie.

= Compra-se o tratado de Electricidade por Becquerel , de 1834, ou o de Arago , com tanto que seja em bom uso ; quem tiver , annuncie.

= Compra-se uma barcaça , que tenha bom encoulamento ; no principio do Aterro-dos-Afogados, n. 31.

= Comprão-se quartáos e bestas , sendo novos , ainda mesmo sendo magros ; no principio do Aterro-dos-Afogados, n. 31.

= Compra-se uma escrava de nação, moça, de bonita figura , que saiba cozinhar , engommar e coser ; na rua da Madre-de-Deos , n. 9.

— Comprão-se, para fóra da provincia , escravos de ambos os sexos , de 14 a 20 annos , com habilidades , ou sem ellas ; sendo de bonitas figuras, pagão-se bem : na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= Compra-se uma venda , que tenha poucos fundos , sendo em bom lugar , tanto para a terra como para o Matto ; quem tiver, annuncie.

= Compra-se um pardo , ou preto , moço, de bonita figura , que tenha bom comportamento , e seja perfeito official de sapateiro ; na rua larga do Rozario , n. 20.

= Comprão-se dous sellins inglezes , com todos os seus pertences, em meio uso ; na rua larga do Rozario, n. 20.

— Comprão-se quadrilhas da polka , arranjadas para violão ; na rua Nova , n. 5.

— Compra-se um molecote de nação , sadio e sem vicios , e de bonita figura ; na rua Nova , loja franceza , n. 8.

## Vendas.

— Vende-se um bonito moleque , de 16 annos, de todo o serviço , e bom para pagem ; um dito official de marceneiro ; uma preta moça , cozinheira e engommadeira , que se dará a contento ; uma dita de 20 annos , propria para qualquer serviço ; uma negrinha , e uma mulatinha , de 12 annos, muito bonitas ; dous pretos moços e de boas figuras : na rua larga do Rozario, n 24.

= Vendem-se 3 moleques moços , sadios e livres de vicios ; na rua da Cadeia-Velha , n. 30.

= Whitton Evens , natural dos Estados-Unidos , retira-se para a Bahia.

= Vende-se um cavallo de bonita figura , carregador , por preço commodo ; no Aterro-da-Boa-Vista, n. 36.

=Vende-se uma porção de saccas vasias de algodão , proprias para se encherem de farinha de mandioca : na rua da Cadeia-Velha, armazem de assucar , n. 12.

— Vendem-se livrinhos das Santas Missões!, com o accrescimo da palavra de Deos; na rua Augusta, n. 22.

— Vendem-se duas mesas grandes, uma carteira pequena , uma escada de mão , tudo bastante usado , 3 fiteiros , proprios para miudezas , e varios objectos, que tudo se dará muito em conta , por o dono querer-se retirar ; na rua de S Rita, n. 90.

= Vendem-se lindas cassa-chitas de côres fixas , pelo muito barato preço de 2200 rs o corte de 10 covados ; assim como outras muitas fazendas , por barato preço : na rua do Crespo , loja n. 8, de Campos & Maia.

— Vendem-se 2 moleques peças , de 18 a 20 annos ; 2 ditos de 10 a 12 annos ; 2 pardos , um de 16 annos, e o outro de 20 , este bom official de sapateiro , e ambos bons pagens ; 4 escravos bons para o trabalho de campo ; 4 escravas moças , com boas habilidades ; uma negrinha, de 12 annos, muito linda ; uma parda, recolhida, de 18 annos , boa mucama , e com boas habilidades ; um preta velha , por 140$ rs. : na rua do Crespo , n. 10, primeiro andar.

= Vende-se uma preta crioula , de 20 e tantos annos ; na praia do Caldeireiro , armazem de tijolos , n. 6.

— Vendem-se as obras completas de Gilbraz , 5$ rs. ; bilhetes da barca para banho, a 100 rs ; garrafas da tinta franceza, a 320 rs. ; o tratado da religião, por 4000 rs. ; rapé novo da Cachoeira ; livros francezes e portuguezes , muito baratos : na livraria da rua do Crespo , n. 11.

=Vende-se um optimo carrinho de duas rodas , por preço commodo ; na rua do Aragão, cocheira, n. 17.

– Vende-se um torrador em bom uso; na rua da Sonzalla-Nova, refinação, n. 4.

= Vendem-se dous mulatinhos, de 16 a 18 annos; dous moleques, de 13 a 18 annos; dous escravos optimos para todo o serviço; 6 escravas, sendo duas boas cozinheiras; uma parda com bonita figura, cozinha e cose: na rua Direita, n. 3, defronte do becco de S. Pedro.

— Vende-se a botica da rua da Cruz, no Recife, n. 60, com frente para a sacristia do Corpo Santo. Desnecessario he fazer elogios a boa localidade, e nem as commodidades, que em si tem: a armação não póde ser de melhor gosto, e além disso, he toda envidraçada; a guarnição dos vasos não póde ser mais elegante; o lugar he muito fresco, e em summa tem tudo o mais moderno: a tratar na rua da Cadeia do Recife, n. 40.

= Vendem-se sementes de hortaliça de todas as qualidades, chegadas ultimamente de Lisboa; na rua da Cruz, no Recife, botica, n. 60.

=Continua-se a vender o superior doce de araçá, na venda de João Jacintho Moreira, na rua das Cruzes.

—Vende-se um escravo da Costa, de muito bonita figura, alto, boa grossura e desembaraçado em tudo, que se lhe manda fazer; o motivo de se vender este escravo, he ter de retirar-se a pessoa que o vende: na rua da Cruz, no Recife, n. 60, ou na rua da Cadeia, n. 40.

= Vende-se um moinho grande de moer café, um torrador, uma balança grande, com 6 arrobas de pesos, dous tachos de arroba cada um, tudo com pouco uso e por preço commodo; no Aterro-do-Boa-Vista, n. 21.

= Vendem-se os seguintes livros em francez: grammatica por Sevène; Voltaire; La Fontaine; Telemaque; Pensés de Leibnetz; diccionario classico, em portuguez; e outros mais livros, todos em bom estado: na rua da Cruz, n. 44.

= Vende-se um mulatinho de perfeita figura, de 15 annos, muito proprio para um bom pagem, ou para algum officio, por ser muito lindo; uma preta de nação, de idade de 17 annos, de bonita figura, propria para casa, e he muito amorosa para crianças, sabe lavar e fazer o mais serviço de uma casa: na rua de Apollo, no Recife, n. 32, segundo andar.

= Vendem-se um escravo e uma escrava, moços e de bonitas figuras, sem vicios nem achaque, representão, o primeiro 20 annos, e a segunda 16, tendo esta principio de costura, engomma, ensaboa e lava de varrella; na rua do Queimado, n. 19, segundo andar, das 6 as 9 horas da manhãa, e das duas as 4 da tarde.

# Casa da Fé,

Na rua estreita do Rozario, n. 43.

Na casa acima continuão-se a vender as cautelas da loteria de S. Pedro Martyr de Olinda, cujas rodas andarão no dia 25 do corrente, fique o numero, que ficar, de bilhetes por se vender. Na mesma casa vendem-se bilhetes e meios ditos da mesma loteria.

= Vende-se, por preço commodo, a dinheiro, ou a prazo, um sobrado de 2 andares e sotão, na travessa da Madre-de-Deos, n. 7, em chãos livres; tambem se recebem lettras, sendo de boas firmas: a tratar na rua da Cruz, n. 50.

=Vendem-se as Santas Missões com accrescimo da palavra de Deos, em folhetos já encadernados, a 80 rs. cada um; no pateo do Terço, venda n. 7.

= Vendem-se luvas para senhora, a 240 rs.; ditas para homem, a 320 rs; meias pretas de seda, a 1500 rs.; suspensorios, a 200 e 400 rs; tisouras finas, a 160 rs.; franjas de algodão, a 240 rs. a vara; bicos e rendas de diversas larguras; chapeos de sol para senhora, a 1800 rs.; linha de carretel, a 310 rs. a duzia; abotuaduras de setim, a polka, a 800 rs.; ditas de duraque, a 280 rs.; ditas de velludo, a 320 rs.; tamancos pequenos, a 160, 200 e 240 rs.; papel almaço, a 2800 rs.; dito de peso, a 3100 rs.; pennas de pato, das melhores possiveis, a 8500 rs o milheiro: na rua do Cabugá, loja de miudezas, de Francisco Joaquim Duarte. Na mesma vende-se um preto proprio para trabalhar de enchada.

AO PUBLICO.

Nas lojas do bom barateiro, de Guerra Silva & Companhia, na rua Nova, ns. 6 e 11, acha-se a venda o seguinte: um completo sortimento de lãa e seda de todas as côres para bordar; talagarça de todas as larguras, e desenhos em papel, tendo tambem desenhos já principiados em talagarça para facilitar a sua conclusão pelas meninas, que começão aprender, com os quaes, independente de mestra, podem aprender a fazer o ponto e a executar todos os desenhos; agulhas proprias para este mesmo bordado; ditas superiores para todas as costuras; um sortimento completo de papel de todas as côres e qualidades para forro, barras e guarnições de salas, e, entre elle, duas salas completas, douradas e avelludadas; instrumentos de todas as qualidades para musica militar; e tambem rabecões, rabecas, violões, flautas e clarinetas de todas as qualidades e varios preços; ricos espelhos com molduras douradas, de differentes tamanhos; candieiros de todos as fórmas para salas, lojas, e estudantes; lindas sedas escocezas para vestidos, a 1200 e 1400 rs. o covado; fitas lavradas de todas as larguras, a 120, 160, 200, 240, 320, 400 e 480 rs. a vara; ricas lanzinhas para vestidos, a 320 rs. o covado; sapatos de marroquim para meninas de 10 a 12 annos, a 500 rs. o par; damasco verde, a 1280 rs. o covado; borzeguins para senhora, a 1600 rs. o par; e ainda ha um resto de sapatos de setim, a 320 rs. o par; e outros muitos objectos de gosto, chegados proximamente.

— Vende-se uma casa terrea na rua de S. Bom Jesus das Crioulas, n. 3; na rua de Hortas, sobrado n. 48.

– Vende-se um piano hamburguez, com boas vozes, e em meio uso, pelo barato preço de 80$ rs.; na rua do Crespo, n. 12.

## Batatas

superiores em qualidade, vendem-se no armazem do Bacelar, defronte da escadinha da Alfandega, a 1$ rs. cada gigo.

= Na praça do Commercio, n. 6, vendem-se saccas de superior farinha de terra, por preço commodo.

— Vende-se um caboclinho, de 11 annos, proprio para aprender qualquer officio; na praça do Commercio, n. 6.

= Vendem-se pennas de escrever, muito boas, a 3200 rs. o milheiro, a dinheiro, na rua da Cadeia do Recife, loja de João José de Carvalho Moraes.

=Vende-se um almofariz, com seu pilão, ou mão de gral, asserado das duas bandas; uma corneta de 3 pistões, muito boa, com seu competente methodo; uma espingarda de espoleta, de dous tiros, muito boa: na travessa da Concordia, n. 13.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

=Vende-se vinagre tinto, a 45,000 rs. a pipa; dito branco, a 35,000 rs. dita: na rua Imperial, n. 7.

= Vende-se potassa americana, ultimamente chegada, em barris grandes e pequenos; lenços pretos, de seda da India; setim preto de Macáo; velas de espermacete, de 4, 5 e 6 em libra; cera amarella; algodão grosso para saccos; tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austins & Companhia, na rua da Alfandega-Velha, n. 36.

--- Vende-se vinagre branco nacional, a 400 rs. a canada velha: na fabrica da rua Imperial, n. 7; rua Direita, n. 53, venda de M. Miranda; no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores de Frederico Chaves; e na rua do Trapiche, armazem de molhados do Nicolle.

= Vendem-se 25 escravos, chegados proximamente do Aracaty, com algumas habilidades, sendo: 12 pretos de 18 a 20 annos; 3 moleques, de 11 a 13 annos; 2 pardos, de 20 a 24 annos; 3 pretas, de 20 annos, cosem, cozinhão e lavão; 2 negrinhas, de 11 a 12 annos; 2 mulatinhas, de 11 a 12 annos; uma parda, de 18 annos, cose, engomma e cozinha; todos de bonitas figuras, por preço commodo: na rua da Cruz, armazem, n. 51, a tratar com José Francisco da Silva.

— Tresse, tendo de retirar-se, faz venda de seu sitio em S. Amaro, com duas casas de pedra e cal, uma grande com sotão, com commodos para grande familia, uma estribaria, casa para gado, forno, boa agoa de beber, 5 viveiros de peixe, muitos pés de arvoredos de fructo, pasto para ter annualmente 6 a 8 vaccas de leite, baixa para capim; e venderá tambem uma casa terrea, sita na rua larga do Rozario: estes predios são de terrenos proprios: os pretendentes dirijão-se a fallar com o mesmo proprietario, no mesmo sitio, em S. Amaro, na estrada, que vai para Belém, onde tem uma taboleta.

## Preparos para bordar.

Vendem-se sedas frouxas francezas, de todas as côres, em meiadas chatas e de fios desembaraçados; lãa branca e de côres tambem em meiadas; agulhas de bordar talagarça, de varias grossuras; estampas de varios desenhos para modelo, para quem se quizer applicar; suspensorios e chinelas de talagarça; balaios com principios de bordados e varias outras peças já bordadas, proprias para quadros, ou cobertas de tamboretes; um sortimento de luvas, meias, calçados de todas as qualidades para homem, senhora e crianças, cordas de tripa, bordões, papel pautado para musica, flautas, violões, rabecas, clarinetas, methodos para os ditos instrumentos; e outras mais fazendas, que costumaõ ter as lojas francezas: na rua Nova, n. 9, loja de Domont.

— Vende-se uma preta perfeita engommadeira, costureira e propria de todo o mais serviço de uma casa, muito moça, sem vicios nem achaques; uma parda, de 16 annos, de muito linda figura; um moleque, de 14 annos; uma negrinha da mesma idade; um preto peça, de 20 annos, pouco mais ou menos, proprio de todo o serviço: na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 25.

= Vende se uma escrava de bonita figura, cose, lava e cozinha bem; 7 escravos, bons para qualquer serviço; 5 moleques, de 10 a 16 annos, e alguns optimos para pagens: na rua da Cruz, n. 3.

— Continúa a estar á venda o sitio dos Afogados, que foi do finado Joaquim Ignacio Correia de Brito: quem o pretender dirija-se á rua Direita, casa de um andar, n. 56.

= Vende-se farinha de S. Matheus, e da terra, ensaccada, ou pela medida velha; milho novo; feijão mulatinho; tudo por preço commodo: no armazem de porta larga, no caes do Collegio.

Vende-se, na rua da Cruz, n. 60, armazem de Fernando José Braguez, rua da Cadeia do Recife, cera em velas, recebida ultimamente de uma das melhores fabricas do Rio de Janeiro, e he de optimo sortimento, por ser de tres até 16 em libra, e por preço mais barato, do que em outra qualquer parte.

=Vende-se, por barato preço, um pequeno sitio, em terra propria, com casa de vivenda, coqueiros, banho a porta, muito fresco, e muito perto da praça, por ser no Remedio, ao lado da Passagem: na rua de Agoas-Verdes, n. 21.

— Vendem-se redes de dormir, do ultimo gosto, de côres, fio dobrado, obra superior, feitas no Maranhão: na rua do Crespo, canto da rua da Cadeia, loja do Sr. Francisco Gomes.

=Vende-se mel de furo, por preço muito commodo, em grandes porções, e tambem dá-se de vendagem: no pateo da Ribeira, loja do sobrado n. 15. Na mesma loja vende-se carvão, lenha e gomma.

**No escriptorio de Lenoir Puget & C.ª, na rua da Cruz, vende-se farinha SSSF de marca verdadeira, chamada Ramo, em pequenas e grandes porções, a vontade dos compradores.**

**Potes para a pobreza**

pelo barato preço de meia pataca, e dous tustões cada um: vende-se no caes da Alfandega, junto a escadinha.

Vendem-se latas com superiores bolachinhas de gomma de araruta, simples, e com gosto de laranja, e ervadoce, muito excellentes para presentes; pelo preço de 2$400 réis, para se fechar conta de venda: no armazem de Bacellar, no caes da Alfandega, defronte da escadinha.

— Vende-se um trancelim, um cordão, uma moeda de ouro encastoada, um coração, um cordão grosso com 38 oitavas, tudo sem feitio; no largo do Carmo, venda n. 1.

**Réis 500.**

Cartas francezas, para voltarete, muito superiores: na rua Nova, n. 15.

= Vende-se uma casa terrea sita em Fóra-de-Portas defronte do Pilar, com bastantes commodos, quintal murado: na rua do Collegio, n 16.

= Vende-se superior calda de tomates, as libras e a retalho; na rua da Cadeia do Recife, n. 15, loja de Bourgard.

=Vendem-se varios escravos, sendo moleques, negrotes, pardos, pardas e pretos, todos de bonitas figuras; atrás da matriz de S. Antonio, n. 16, primeiro andar.

=Vende-se uma preta de Angola, de boa figura, sem vicios, muito moça, lava, ensaboa, cozinha e sabe andar com meninos e vender na rua; no largo do Carmo, venda n. 1.

= Vende-se louça vidrada de todos os tamanhos, como sejão: caçarolas, papeiros, panellas, alguidares, servidores, vasos para flores, boiões para manteiga, por preço commodo; na rua da Madre-de-Deos, n. 9, e na rua do Encantamento, armazem ao pé da cacimba.

= Vende-se uma escrava de nação, de 24 annos, de bonita figura, optima quitandeira; um mulatinho, de 17 annos, optimo para pagem, e com principios de carpina; um cabra, de 22 annos, de optima figura, bom carniceiro e canoeiro; um escravo de nação, de 30 annos, com officio de serrador: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= Vende-se um bote inglez, com 4 remos; um guarda-louça; um guarda-roupa; uma correnta de ouro para relogio; tudo novo e por preço commodo: na rua da Matriz, n. 33, segundo andar.

= Vende-se uma casa terrea na rua da Conceição da Boa-Vista, n. 43; na rua da Matriz do mesmo bairro, n 35, primeiro andar.

=Vende-se uma preta moça, de bonita figura, vinda do Assú; na rua Nova, n. 55, cuja entrada he pela rua das Flores, defronte do escrivão Francisco Joaquim.

ESQUINA DO LIVRAMENTO
LOJA
DE 6 PORTAS Nº52
DE
GABRIEL GLZ. LOMBA

Nesta loja vende-se panno fino, a 2500, 3000, 3500 e 4000; sarja hespanhola muito superior, a 2400 rs.; merinó muito fino, a 3200 rs.; peças de madapolão, a 3000, 3500, 4000, 4500, 5000 e 5500 rs.; luvas de seda para senhora, a 320 rs.; meias pretas para meninas, a 160 rs.; fazenda para habito de terceiro de S. Francisco; e outras muitas fazendas de boa qualidade, por commodo preço.

=Em casa de Fernando de Lucca na rua do Trapiche, n. 34, acaba-se de receber o seguinte: ameixas, cerejas, passas miudas de Corintho: conservas, como fructas, pesegos, morangos, cerejas, etc.; legumes em latas e outras, como pepinos em vinagre, azeitonas ás libras, superior chá hysson e gumpowdre, dito preto (souchon). vinho das seguintes qualidades: Sherrys. Malaga, Madeira, do Porto, do Rheno, Bordeaux, Haut-Bersac, Cognac, licores de diversas qualidades, azeite doce superfino, charutos regalia e de Manilha dos melhores fabricantes e outros objectos; tudo por preço acommodado, em porção e a retalho.

Preços moderados!

Vendem-se, na loja de Guimarães Serafim & Companhia, na esquina da rua do Collegio, com frente para o arco de S. Antonio, as seguintes fazendas: chitas francezas, com quatro palmos e meio de largura, a 300 rs. o covado; ditas dos mesmos padrões masburkes, pelo referido preço acima: aquellas são de uma só côr, teem desenhos agradaveis, e são mui proprias para vestidos de meninas, ou para robe de chambres de senhora; e estas são de padrões inteiramente novos: tanto umas como outras são de tintas finissimas, e os seus pannos teem a consistencia do linho: chitas inglezas de soffrivel qualidade, a meia pataca o covado; e a peça por 6000 rs.; riscadinhos largos e tecidos, a 180 rs.; riscadinhos largos de chadrez, a 240 rs.; ditos turcos, a 320 rs.; luvas de seda sem dedos, pretas e de côres, proprias para senhora, a 240 rs. o par; panno de linho da ilha, com uma largura soffrivel, a 800 rs. a vara; pannos finos de côres, a 4800 rs. o covado; dito preto, prova de limão, da fabrica do bem acreditado Abraham Roth de Manchester, a 9000 rs. o covado; sedas de chadrez, proprias para vestidos, a 1440 rs.; princeza preta, com 7 palmos de largura, a 1280 rs.; franklin com a mesma largura, a 1280 rs.; cassas com chadrez de côres, proprias para cortinados, a 400 rs. a vara; dita adamascada, larga, com ramos de côres, a 480 rs a vara; cambraia lisa azulada, a 400 rs. a vara; papel de machina, a 2800 rs. a resma; sarja preta hespanhola; setim preto de Macáo; sarja de cordão levantado, propria para abas de sobre-casacas e casacas, por ser a que se usa na Europa; cortes de casimira franceza, elastica, para calças; tafetás de côres e preto; chales de seda, chegados ultimamente de França; mantas para senhora, de setim e escocezas, das mais modernas; lenços de seda para homem e senhora; meias brancas de algodão, inglezas, de patente; ditas de fio da Escocia, abertas; ditas de seda preta e branca; chapeos de sol para homem e senhoras; meias curtas, de linho do Porto; damasco de algodão e lãa; bretanha de linho fino; esguião de puro linho; volantes; galões; espiguilhas; e outras muitas fazendas, conforme o indicado na epygraphe deste annuncio.

— Vendem-se quatro escravos de bonitas figuras, de 18 a 20 annos, chegados ultimamente do Ceará: na rua do Crespo, n. 11.

— Vendem-se 7 escravos, sendo: 1 preto e 1 um pardo, ambos de bonitas figuras, sem vicios nem achaques; duas pretas, uma de 15 annos, e a outra de 10, a primeira cose bem e faz lavarinto, e a segunda cose chão; 2 mulatinhas de 11 a 12 annos, tambem cosem; um cabrinha de 12 annos, bem esperto e sadio: no pateo da matriz de S. Antonio, sobrado n. 4.

AOS ARTISTAS.

Collecção de receitas e segredos particulares, necessarios para o tintureiro, e para a maior parte dos artistas, e manufactureiros, officios e outros differentes objectos, por João Baptista Lucio, 6 v grossos e oitavo portuguez, com additamento, 1845. Veja-se sobre o merecimento e utilidade desta obra a *Revista U. Lisbonense*, que dando noticia della, qualifica-a de *livro precioso para as artes*. Vende-se na livraria da esquina do Collegio.

## Escravos Fugidos

— Fugio, no dia 10 de outubro do anno passado (1845), o preto crioulo, de nome Izidoro, de 21 annos de idade, retincto, secco do corpo, estatura regular, falla fina, official de alfaiate, andava calçado e muito bem vestido; era tambem o bolieiro do Sr. barão de Itamaracá, residente no Recife, de quem fôra escravo, e o vendeo a seu atual senhor, Alves Vianna, morador na rua de Senzalla-Velha, n. 110; o qual offerece 100$ rs. de gratificação a quem lhe descobrir o referido escravo.

— Fugio, na noute do dia 15 do corrente, de bordo do brigue nacional *Sertorio*, ancorado na praia do Collegio, um preto de nome Antonio, alto, gordo, olhos pequenos, bem retincto; levou camisa de riscado, calças de brim branco, barrete encarnado, uma pequena trouxinha com sua roupa, e 50 *patacões* que roubou de um marujo de bordo; este escravo costuma a fugir e a embreagar-se: roga-se as autoridades policiaes, ou a qualquer capitão de campo, que o pegar, de o levar a bordo do dito brigue, ou annunciar por esta folha.

— A senhora viuva Cunha Guimarães pede ás illustres autoridades policiaes e á outra qualquer pessoa, que apprehendão o seu escravo Luiz, de nação Cabundá, alto, de bonita figura, com ponta de barba, e olhos grandes, avermelhados no centro, bem preto e ladino: quem do mesmo der noticia ou o trouxer á loja da mesma senhora, sita na rua do Crespo, será generosamente recompensado.

— Tendo desapparecido, no dia 13 de outubro de 1845, a escrava Escolastica, que representa 24 annos de idade, de altura regular, cheia do corpo; quando falla parece ter a bocca cheia; costuma trazer o cabello penteado, e andar se sacudindo; tendo levado saia de lila e panno preto, e mais alguns vestidos de chita; e como haja noticias, que ella se acha em um sitio na Ponte-de-Uchôa servindo a um Inglez, como forra: portanto pede-se a pessoa, aonde ella se achar, ou mesmo qualquer outra, que della tenha noticia, de dirigir-se ao largo do Collegio, loja de chapeos, n. 6.

= Fugio, no dia 14 do mez passado, do armazem de porta larga, do caes do Collegio, um escravo pardo, de 15 annos, pouco mais ou menos, secco de corpo, côr amarellada; levou calças e camisa de riscado azul: quem o pegar, leve ao dito armazem, que será generosamente gratificado.

= Fugio, no dia 5 de agosto do anno p. p., uma preta de nome Marcellina, de 35 a 40 annos, alta, magreirona do corpo, pés bastantes grandes, cara comprida, os buracos dos brincos grandes, *mal feita* do corpo, não muito preta; quando bebe torna-se muito regrista: quem a pegar, leve a rua larga do Rozario, n. 24, primeiro andar, que será bem recompensado.

— Fugio, no dia 12 do corrente, uma negrinha de nome Maria da Conceição, de estatura ordinaria, cara redonda, olhos pequenos, falla fina, representa 14 a 15 annos, de nação Angola; está com dous dedos em uma das mãos queimados, que ainda os traz embrulhados em pannos; levou vestido de chita azul de listras brancas, panno da Costa com matames: quem a pegar, leve a rua dos Quarteis, hoje largo do Rozario, n. 18, ou na rua de S. Francisco, n. 33, que será generosamente recompensado.

PERN.: NA TYP. DE M. F. DE FARIA — 1846